



ENTREVISTA COM ELIEZER FAVACHO DA ROCHA: “A MILITÂNCIA DE ESQUERDA E A REPRESSÃO MILITAR EM MANAUS”

Fabiano Santos de Souza¹

Eliezer Favacho da Rocha é presidente da Cooperativa de Comunicação do Amazonas (COOPCOM) e foi militante em Manaus na década de 70. Concedeu entrevista a Fabiano Santos de Souza em outubro de 2013.

Fabiano: *Como o governo militar era visto pela sociedade manauara?*

Eliezer: Nessa época havia algumas divisões em relação ao governo militar, a ditadura militar, Uma parte da sociedade não se posicionava em relação ao governo. As pessoas que militavam na comunicação, em jornais, os estudantes, viam o governo militar como uma coisa prejudicial à sociedade. O golpe militar de 31 de março / 1 de abril de 64 quando foi deposto o presidente João Goulart, que era vice do Jânio Quadros, se tornou uma coisa muito prejudicial à sociedade, ao povo Amazonense. Eu era muito jovem quando comecei a trabalhar em jornal, com 20 anos de idade, e pude viver todo esse sistema. Nós trabalhávamos no jornal sobre censura, jornal “A Notícia”, em que nós fazíamos a edição do jornal, e o sensor da Polícia Federal ficava na porta principal. Tudo que saía do jornal tinha que passar por eles, pelos “sensores”. Era uma coisa que até nós nos divertíamos com essa questão. Nos divertíamos porque a própria Polícia Federal que agia com esse sistema de repressão, de censura, não conseguia alcançar os nossos pensamentos. Nós submetíamos as manchetes a eles, e eles vetavam a matéria, censuravam a matéria, e nós íamos fazendo títulos sobre títulos, passando para eles.

¹ Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Nilton Lins. Mestrando do curso de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia - PGSCA/UFAM. E-mail: fabiano.history@gmail.com

Eles se perdiam e depois no final, eles aprovavam o título que nós tínhamos feito antes. Eles não tinham controle de qual era o papel deles. Isso trouxe uma revolta para a juventude da época. Lembro que nós éramos estudantes do Colégio Estadual, e certa vez houve uma manifestação na Praça São Sebastião, em que nós entramos pra fazer um protesto e a policia foi nos imprensando, chegou uma hora que o comando maior deu uma ordem e eles começaram a bater nos estudantes e nos manifestantes. Os manifestantes se dispersaram e entraram na igreja. Uns correram pro Teatro, outros correram para igreja, outros correram pra rua mesmo, sem rumo. Então se tornou uma ação totalmente atabalhoada da polícia. E com isso eles ficavam reprimindo pessoas e manifestações sem ter entendimento do que era na realidade aquilo que eles estavam fazendo. Nem eles sabiam aquilo que eles estavam fazendo. Era uma repressão no meu ver na época, era uma repressão inútil. Inútil porque eles não conseguiam alcançar o pensamento da juventude. Eles tiravam jornalistas de dentro da redação de jornais, sem saber porque eles estavam tirando o jornalista e levando pro comando militar, que quando saia uma informação que eles não gostavam, eles iam atrás do jornalista dentro da redação do jornal.

Fabiano: *Existia um órgão de repressão atuante na cidade?*

Eliezer: Existia. Era atuante. Na minha época de estudante, na minha época que eu comecei a trabalhar em jornal, nós identificávamos como órgão principal repressor, o comando da policia militar do Estado do Amazonas, as ordens vinham do comando militar, do coronel comandante Mário Parelló Ossuosky, e ele próprio mandava buscar e nós íamos depor diante dele. Ele que ia fazer as perguntas sobre aquele material que nós publicávamos.

Fabiano: *Como se deu a sua entrada nos movimentos de militância?*

Eliezer: Não havia concordância nossa, da juventude da época, nós não concordávamos com aquela repressão, com aquele movimento repressor, o movimento que ditava as regras de como nós deveríamos agir. Nós tínhamos outro pensamento, nós éramos um pensamento jovem, cheio de esperança, cheio de planos pro futuro e nós víamos aquela



repressão como uma coisa atrasada, que queria bitolar a sociedade naquilo que eles achavam, naquilo que estava na cabeça deles, na mente dos repressores, que eram os militares. Eles tinham “o pensamento da caverna” na época da ditadura, o pensamento deles era o do autoritarismo, e nós não concordávamos com o autoritarismo de forma nenhuma, então eles começaram os confrontos, nessa época começaram os confrontos, e nós usávamos as ferramentas que nós tínhamos nas mãos. A ferramenta que eu usava era a força do estudante, a força do jovem e a redação do jornal, o jornalismo. Eu era muito jovem, mas lidava diariamente com meus companheiros de trabalho, que eram pessoas já veteranas que tinha visto a explosão da revolução em 64, eu já peguei o final, de 77 até 85 que foi quando encerrou. Então nós protestávamos por tudo que nós não concordávamos, se havia um aumento da passagem de ônibus, era determinado pelo governo, pela prefeitura e nós não tínhamos alternativa de discussão. Então nós tínhamos que ir pras ruas, tínhamos que protestar, e a nossa ferramenta era o jornal, nós usávamos, a nossa linha de protesto, eram as entrelinhas dos textos que nós escrevíamos. Nos textos eles não conseguiam identificar onde estava o pensamento esquerdista. Toda pessoa que não concordava com que determinava a ditadura militar, com os ditadores, eram tidos como pensamento esquerdista, eram classificados como comunistas, porque a metodologia, o direcionamento da ditadura militar era exatamente que eles tinham medo da implantação do sistema comunista no Brasil. Eu entrei na militância através da escola, como estudante e do jornalismo. O jornalismo me deu um apoio muito forte. Aqui no Amazonas apenas um jornal se identificava como um jornal de esquerda, que foi o jornal “A Notícia”, que era tido como um jornal de esquerda. Eles beneficiavam os jornais que eram caracterizados como jornais de direita, que era “A Crítica”, que foi muito beneficiada, que foi aí que “A Crítica” deslanchou no jornalismo, cresceu... A nível de Brasil a “rede globo” então enquanto eles prejudicavam uns, eles beneficiavam os outros, e nós profissionais do jornalismo, vendo tudo isso, a única alternativa era ir pras ruas protestar.

Fabiano: *Você tem conhecimento sobre militantes que foram presos e torturados durante o regime militar em Manaus.*

Eliezer: Eu tive alguns companheiros que eles foram presos, recolhidos ao comando da P.M., mas foram libertados por falta de provas, não tinha nada que comprovasse que



éramos comunistas, éramos de esquerda, que nós queríamos prejudicar aquele movimento repressor. Um exemplo disso é Arlindo Porto, que era companheiro nosso, foi fundador do sindicato dos jornalistas, era deputado estadual, militante atuante na luta contra a repressão, e os militares o prenderam por 128 dias, e depois o libertaram por falta de provas. Eu acho que eles agiam por intuição, quando você tinha um bom discurso, era um bom tribuno, você tinha um pensamento, tinha opinião, porque naquela época as universidades formavam pessoas com opinião. Daí para assustar os estudantes que se destacavam no movimento contra a ditadura, eles eram presos e posteriormente soltos por falta de provas. Na nossa época, o nosso advogado era o Félix Valois Coelho, e quando prendiam um militante nosso companheiro, ele ria, porque depois que ele ia lá, em pouco tempo o camarada tava solto porque não se sustentava a argumentação da acusação.

Fabiano: *Você tem conhecimento de onde funcionava a delegacia do DOPS em Manaus? Se existiam outras sedes ou órgãos de apoio?*

Eliezer: A delegacia Geral na época era na Marechal Teodoro com a 7 de Setembro, onde agora é o centro comercial. Ali na esquina era a Delegacia Geral e pessoas comentavam que muitos foram torturados ali. Mas que eu tenha conhecimento de pessoas que foram torturadas ou até desaparecidas, eu só tenho informação de uma pessoa que é o Thomas, que a gente chamava de Tomazinho, que inclusive foi marido de uma amiga minha, Mirian Marreiro, que trabalhou comigo no jornal “Amazonas em Tempo” na década de 80. Ela entrou na justiça depois que ele desapareceu e alguns anos atrás ela ganhou na justiça e foi indenizada pela morte de Thomas Meirelles.

Fabiano: *Qual era a postura dos grupos de militância perante a repressão do governo militar em Manaus?*

Eliezer: Na nossa época a reunião era nas escolas, nas igrejas, em casas de companheiros que eram bem distantes, por exemplo, eu morava no bairro de Petrópolis na época, e nesse bairro as ruas não eram asfaltadas, as ruas eram cheias de mato, lá onde eu morava carro não entrava. Nós fazíamos algumas reuniões lá, mas também



fazíamos reuniões nos sindicatos. Fazíamos várias reuniões no nosso sindicato, o sindicato dos jornalistas, e de lá se tirava a manifestação, propostas para se questionar nas ruas, nas praças, se tiravam de dentro do sindicato, que eram fortes, o sindicato dos jornalistas na época era muito forte, tinha peso. Pro repressor chegar no sindicato tinha que usar muita estratégia para mexer com os jornalistas. Na época existiam muitos jornalistas com voz forte dentro da sociedade. E nós usávamos o jornalismo pra defender a sociedade. A imprensa na época era considerada o 4º poder. Antes de se aliar aos grandes empresários, ao próprio governo, a imprensa tinha um valor muito grande, hoje não tem mais, estão todos aliados financeiramente. Os veículos de comunicação hoje dependem da verba que vem do poder executivo, da prefeitura, do Estado, da Suframa, e na época não se valorizava isso. Nós fazíamos o jornalismo romântico, ganhávamos um salário mínimo, mas éramos felizes em fazer um jornalismo que defendia a sociedade. O jornalismo de hoje prejudica a sociedade. Então nós escolhíamos lugares para reunir e a Polícia Federal quando identificava o líder, o cabeça do movimento, começava a fazer pressão psicológica, começava a acompanhar de longe esse sujeito, mostrar pra aquele líder “nós estamos aqui, te vigiando de perto”. Inclusive tenho até uma história em relação a isso. Quando ainda namorava com minha esposa, a socorro, ela morava no bairro de São Jorge e algumas vezes meu carro era seguido pela polícia até lá. Eles seguiam os cabeças de movimento. Conteí para ela o que estava acontecendo, porque estava sendo seguido pela polícia. Ela com certo medo, contou para mãe, que a aconselhava a terminar o namoro comigo, porque eu era um marginal. E eu não era um marginal, só queria uma sociedade igual para todos. Sabendo disso, começamos a usar essas perseguições como estratégia, quando eles me seguiam eu os levava para um lado e os nosso grupo se reunia em outro local. Eles nunca conseguiram alcançar nossa inteligência, o nosso pensamento. As vezes nosso advogado, Felix Valois cedia uma casa que era uma barbearia, ali na Ramos Ferreira, próximo da Joaquim Nabuco, então nós íamos pra lá, era uma barbearia ninguém suspeitaria do entra e sai, todo mundo entrava por dentro da barbearia, e tinha uma portinha que dava em um porão. Lá nós deliberávamos as nossas ações, não só na questão da repressão militar, mas pra tudo, reivindicação salarial e tudo. Eles sempre passavam batidos, pois viam nosso movimento de uma forma e ele era de outra. Os locais era exatamente esses: Casas de amigos, escolas e sindicatos.



Fabiano: *Quais eram os principais grupos de resistência contra o regime militar em Manaus?*

Eliezer: Na minha época eram muitos nomes que eram confiáveis na época, e hoje se aliançaram ao poder, quem não se atrelou vive como eu, de maneira humilde, pacata. No nosso movimento da época existiam grandes nomes, que hoje estão atrelados ao governo como Eron Bezzerra, Vanessa Graziotin, João Pedro, o próprio Félix Valois, Orlando Farias, que já morreu. Todos oriundos do “partidão”, o “PCBão”, da linhagem do Carlos Prestes. Essas pessoas eram os representantes do partido aqui. Os principais grupos eram exatamente esses, os derivados do partidão, através das pessoas citadas e outras como Amazonino Mendes, Omar Azziz, Ivana Vieira, pessoas que eram militantes e atuantes como Fábio Lucena, Vitório Cestário. Os militantes eram advogados, jornalistas, padres, engenheiros, médicos, pessoas fortes dentro da sociedade manauara que a ditadura não podia chegar neles, porque eles tinham muito poder e influencia na sociedade. Até mesmo dentro da igreja, o frei Fugêncio da igreja de São Sebastião foi um dos que mais nos ajudou, fazíamos reuniões na igreja.

Fabiano: *Qual era o posicionamento da sociedade em relação à atuação da repressão na cidade de Manaus?*

Eliezer: A sociedade passou batida, despercebida nesse movimento, porque pra eles não interessava muito se era repressão militar, se não era. Quem via a repressão militar eram as cabeças pensantes da sociedade. Era um aqui, outro ali, que não queria se submeter a isso. Um exemplo disso é que eu era um militante de esquerda e dentro da minha casa meu pai era de direita. E ele me condenava por isso, Meu pai até hoje é Fernando Henrique roxo [risos]. A sociedade não percebeu muito isso, para eles a cidade era pacata. Quando surgia um movimento estudantil ou de militância, a própria sociedade condenava essas pessoas, como até hoje condenam. A sociedade via os cabeças do movimento com maus olhos. Um exemplo é minha avó quando éramos moleques e fazíamos alguma traquinagem éramos chamados de “filhos de Comunistas” [risos]. O comunista era o cara que comia criancinha na época. Então, havia essa condenação por parte da sociedade, eles vivem sem saber o que estava acontecendo, principalmente aqui em Manaus. O pensamento revolucionário vinha disfarçado para a sociedade, aqui



também era assim, por isso uns pagavam um preço alto e outros passavam despercebidos. Quando fui preso para averiguação e levado ao Comando Militar da Amazônia, no julgamento vi minha mãe lá, mas ela não sabia porque eu tinha sido preso, ela não sabia o que estava acontecendo, estava lá apenas exercendo seu papel de mãe. Eu fui explicar o que era o movimento e ela não conseguia alcançar o pensamento do que era esse movimento.

Fabiano: *Como eram vistos os movimentos de militância pela sociedade manauara?*

Eliezer: A sociedade não via a militância com bons olhos. Quando se fazia uma manifestação contra o aumento da passagem de ônibus, por exemplo, onde o pessoal ia pra rua depredar ônibus, depredar não! Naquela época a gente só parava os ônibus na praça da Matriz, pra reivindicar. A sociedade era contra isso, como ainda é. A sociedade não conseguiu alcançar isso, não ficou a favor da militância. A militância era reconhecida por pouquíssimas pessoas na sociedade. Era um jogo de elites, confronto entre a militância e a repressão era um jogo de elites, só as cabeças pensantes da sociedade brigavam. A grande massa não percebia isso. Para a sociedade quando a polícia prendia um militante, para a sociedade estava prendendo um baderneiro. Na nossa época não escondíamos a cara como hoje, éramos identificados pela sociedade e pela repressão. Por exemplo, eu não era bem visto dentro da minha família, era visto como um baderneiro, como um marginal. Não só eles, mas toda a sociedade.

